



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Sociais

Faculdade de Educação

Licenciatura em Pedagogia

Raquel Gurgel da Silva

A Ética Humanista de Erich Fromm e a Educação do Amor

Rio de Janeiro

Dezembro/2016



Raquel Gurgel da Silva

A Ética Humanista de Erich Fromm e a Educação do Amor

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro

2016

GURGEL, Raquel Silva.

A Ética Humanista de Erich Fromm e a Educação do Amor / Raquel Gurgel da Silva;
orientador: Reuber Gerbassi Scofano. Rio de Janeiro, 2016.

52 f.: fig.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, 2016.

1. Formação humana; 2. Homem; 3. Educação; 4. Amor;



Raquel Gurgel da Silva

A Ética Humanista de Erich Fromm e a Educação do Amor

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano

Prof. Dr. Leonardo Maia Bastos Machado

Prof^a. Dr^a. Regina Celi Oliveira da Cunha

Rio de Janeiro, dezembro de 2016.

Dedico este trabalho a todos os meus alunos e alunas,
que são a razão de minha busca por aprimoramento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pois com ele tudo posso.

Meus agradecimentos aos meus pais Darci e Leila que sempre confiaram em mim, me educaram com o seu melhor e nunca duvidaram de minha capacidade.

Agradeço aos meus irmãos Carlos Henrique, Marcelo, Fábio, Isaías e Rebeca, pelos momentos em família e os intensos debates políticos e ideológicos feitos na mesa da cozinha. São essas conversas que me fazem acreditar que a escola pública forma pessoas críticas.

Meus sinceros agradecimentos ao meu grande amor Marcos Paulo, que pacientemente me sustentou nos momentos de desespero e profunda angústia. A sua calma e segurança foram o meu porto seguro e é por esse motivo que te amo tanto.

Agradeço aos meus gatos Sol, Lua, Cat e Foguinho por me cobrirem de carinho e me acompanharem nas longas madrugadas de escrita e estudo.

Meus agradecimentos a minha cachorra Penélope, que morreu durante minha graduação, mas que me acompanhou fielmente durante toda sua vida, me dando muita alegria, inclusive na fase em que eu ainda não sabia que curso faria.

Agradeço a todos os meus alunos e alunas, que mesmo sem saberem, me motivaram a ser professora e fazem de mim, a cada dia, uma pessoa melhor.

Meu agradecimento às escolas em que estudei e as que trabalhei, porque foi em cada uma delas que a paixão pela educação me afetou e afeta.

Agradeço as professoras Ana e Carla, que me deram aula quando eu tinha apenas 3 anos, mas que sempre viram em mim uma educadora.

Agradeço as professoras com quem fiz regência, pois compartilharam comigo das suas experiências e saberes e me fizeram ver a pedagogia de outro ângulo.

O meu muito obrigada às professoras com quem trabalhei Denise, Juana, Flávia, Patrícia e Ginha, pois cada uma, ao seu modo, me ensinou a prática da profissão e carregarei para sempre um pedaço de cada uma dentro de mim.

Um agradecimento especial a Carolina, Clara e Rafaela, pois a troca com elas me faz crescer como educadora.

Agradeço aos professores Regina Celi, Leonardo Maia, Rosa Neves e Cláudio Sooma, dentre outros, que durante a graduação me serviram como exemplo e marcaram minha estadia na faculdade.

Agradeço aos alunos e alunas da turma de pedagogia 2011.2, pois esses cinco anos e meio não teriam sido tão frutíferos e animados se não fossem por todos vocês.

Um agradecimento todo especial ao meu orientador Reuber Scofano por sua paciência, apoio e dedicação, por me ajudar a organizar as ideias e transformar hipóteses vagas em uma monografia. Nada disso seria possível sem o seu auxílio.

A todos vocês o meu sincero obrigada!

Você vê, eu sou bastante hábil em inventar frases, quero dizer, essas expressões que nos dão um sobressalto, quase como se a gente se sentasse sobre um alfinete, tão novas e excitantes elas parecem, embora se refiram a alguma coisa hipnopedicamente óbvia. Mas isso não parece suficiente. Não basta que as frases sejam boas, seria preciso que o que delas se fizesse também fosse bom.

Aldous Huxley – Admirável Mundo Novo

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, examina as obras “A Arte de Amar” e “Análise do Homem” de Erich Fromm, a fim de argumentar a importância da Ética Humanista para a formação do homem. Pensando na aplicação da Ética Humanista em uma educação escolar mais humanizada, consideramos que o sujeito poderá superar a crise existencial através do amor amadurecido. Com isso, no primeiro capítulo investigamos na teoria de Fromm, pontos-chaves para a formação ética e moral do homem, enquanto que no segundo capítulo, fazemos uma relação da Ética Humanista frommiana com a educação, apontando caminhos para sua aplicação em uma escola. Finalizamos a pesquisa, considerando que a Ética Humanista defendida por Erich Fromm é de real importância para a formação de sujeitos mais humanos, e que uma escola baseada nessa ética, poderá promover uma educação para a vida.

Palavras-chaves: Formação Humana. Homem. Educação. Amor.

ABSTRACT

The present bibliographical research examines the works "The Art of Love" and "Analysis of Man" by Erich Fromm, in order to argue the importance of Humanistic Ethics for the formation of man. Thinking about the application of Humanist Ethics in a more humanized school education, we consider that the subject can overcome the existential crisis through mature love. Thus, in the first chapter we investigate Fromm's theory, key points for the ethical and moral formation of man, while in the second chapter we make a relation of the Humanist Ethics frommian to education, pointing out ways for its application in a school. We conclude that Erich Fromm's Humanist Ethics is of real importance for the formation of more human subjects, and that a school based on this ethic can promote an education for life.

Keywords: Formation. Man. Education. Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A Ética Humanista de Fromm	15
1.1 O problema existencial.....	15
1.2 Amores amadurecidos e pseudo-amores	19
1.3 O amor como arte.....	26
2. A Ética Humanista na Educação	30
2.1 Autoridade racional e autoridade irracional	30
2.2 A importância do caráter	37
2.3 A consciência humana.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXO.....	51

INTRODUÇÃO

A história do homem¹ retrata uma preocupação com a formação humana desde os tempos mais antigos. Não é de hoje que as pessoas buscam explicações para os diferentes modos de agir do sujeito homem e tenta compreender como interferir para que se formem homens mais justos e colaborativos para o convívio em sociedade. Tarefa difícil essa! Cada qual possui uma especificidade e me pergunto até que ponto somos capazes de modificar isso, se é que somos.

Essa pesquisa tem como foco a tentativa de compreender a formação humana. Adotamos formação, não como capacitação do sujeito, mas sim como uma formação do ser homem, uma formação para a vida e para o convívio em sociedade, uma formação por completo. Essa é a formação que buscamos nesse diálogo, nessa pesquisa. Nosso intuito é o de compreender o peso da importância que a formação possui para se viver em sociedade com práticas, culturas e pontos de vista tão diferentes e distintos. Formar para a vida, para viver, é educar o espírito, o coração, a alma, é uma educação que nos completa e nos humaniza. Segundo Bezerra (2010, p.64):

Diferentemente dos animais, que para sobreviverem precisam adaptar-se à Natureza, o homem, pelo contrário, precisa adaptar a Natureza a si, às suas necessidades e vontades conscientes mediado pelo ato de trabalho. Ele é imediatamente um ser natural, mas é um ser natural *humano*.

Com isso, partimos do pressuposto que a formação vai além da sala de aula, da escola, ou de práticas restritas e controláveis, pois temos em mente que o homem como um ser em constante formação é influenciado pelo que o cerca, pelo diálogo com o outro, por pensamentos, por atitudes que são tomadas de diferentes formas em diferentes momentos e sobre diferentes circunstâncias, pela sua observação e opinião do que se passa, por um pensamento momentâneo sobre tudo e todos, por um sentimento, por uma sensação. Sabendo que tudo isso nos forma como homens e mulheres, como cidadão, como seres humanos, como pessoas.

Diante disso: quais características valorizar em uma formação? Quais valores são essenciais para a formação de uma sociedade mais humana? Será que é possível em nossas

¹ Embora atualmente haja uma discussão sobre as questões ideológicas provenientes do uso predominante do gênero masculino para se referir a todos os humanos, mantive o termo “homem” no texto, pois optei em ser fiel ao usado por Fromm em sua época.

escolas cultivarmos valores que contribuam para uma formação mais humana? Será que conseguimos suscitar em nossos pequenos, uma formação de um caráter mais austero? Ou será que somos meros expectadores de sua formação e o resultado final nada terá de nossas influências? Quintero-Montilla (2013, p.31) aponta para a existência de uma insuficiência de formação ética e moral na nossa sociedade atual:

Como consecuencia de est carência de formación ética y moral que está presente en toda la sociedad contemporânea, las personas sienten um gran vacío existencial y um gran sentimiento de futilidad: de falta de *sentido em sus vidas*, que tratan de compensar com el *consumismo* y la búsqueda desaforada del poder, del dinero y del éxito.

O amor como base de uma formação, isso é o que sugiro. Amar a si, amar aos seus semelhantes, amar a natureza, amar o que faz, amar a vida é de extrema importância para que sejamos felizes e vivamos em paz. Ter em mente que eu somente sou porque o outro também é e que dependemos uns dos outros, nos faz compreender o equilíbrio da natureza da qual fazemos parte. Nós nascemos homens, mas nos tornamos humanos ou não. Nosso contato com o mundo e com tudo aquilo que nos cerca, atrelado a nossa “real essência” é o que nos torna algo mais, algo diferente de nós como estado primitivo, de nós como recém-nascidos. Com isso, entendemos que nosso futuro, de fato, é incerto, mas que ainda podemos escreve-lo com nossas atitudes, ao refletirmos sobre nossa vida e nossas práticas, o que somos e o que queremos ser.

De qualquer forma, grandes pensadores se debruçaram sobre essas questões, escrevendo verdadeiros tesouros sobre tais indagações que mesmo com o passar de tantos séculos permanecem nos instigando a pensar a formação. Nesse ensaio, procurei trazer uma análise de parte desses escritos: a contribuição de Erich Fromm e sua análise da formação humana numa perspectiva Ética Humanista. Fromm foi um psicanalista a frente de seu tempo. Por vezes defendeu pensar a relação da Psicologia com a Ética e sua associação com outras áreas do conhecimento como a Filosofia, a Economia e a Sociologia (FROMM, 1972). Ele propunha que um conhecimento mais aprofundado do homem e de seu conflito moral traria a psicanálise êxito em determinados tratamentos, pois muitos sintomas apresentados são indicativos de uma “falência moral”².

² Em seu livro a Análise do Homem, Erich Fromm diz: “Em muitos casos um sintoma neurótico é a manifestação específica de um conflito moral, e o êxito do esforço terapêutico depende da compreensão e resolução do problema moral do indivíduo”.

Com isso, analiso a importância da Ética Humanista na formação humana, partindo do pressuposto que o seu uso na Educação, possibilita a formação de sujeitos mais humanos. Formar cidadãos que se preocupem com a sociedade, com a natureza e com os demais homens é relevante e um dos principais papéis da escola. Dessa forma, procurei nessa monografia, argumentar a importância da Ética Humanista para a formação do homem. Para tal, no primeiro capítulo tentei identificar nas obras “A Arte de Amar” e “Análise do Homem” de Erich Fromm, as principais ideias de sua Ética Humanista; e no segundo capítulo busquei analisar a aplicação de sua Ética Humanista à uma educação escolar.

Provavelmente, o período em que Erich Fromm viveu, influenciou, e muito, o seu modo de pensar o homem e a sociedade. Em sua escrita percebemos fortes influências de Marx e Freud. Descendente de judeus, nasceu em 1900, na Alemanha. Era filósofo e foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (Escola de Frankfurt) e emigrou para o Estados Unidos quando Hitler subiu ao poder. Em sua nova morada trabalhou como psicanalista e professor universitário. Faleceu em 1980 e com isso, vivenciou um período de grandes transformações sociais, presenciando a 1ª Guerra Mundial, o nazismo e a 2ª Guerra Mundial, situações que influíram em sua escrita e em sua visão da necessidade de sujeitos mais produtivos e humanos.

Segundo Marques (2010), Fromm pensava na psicanálise como função social e não somente, em seu uso pelos especialistas. Ele propunha pensar no ser humano partindo de sua relação social, pressupondo historicamente a sociedade da qual faz parte. Sendo assim, o teórico analisa a humanidade na sociedade capitalista e a possibilidade de uma formação ética nesse contexto. Sobre isso, Marques (2010, p.24) diz:

Seu objetivo era oferecer uma ferramenta para compreender o ser humano a partir da sua relação com a sociedade onde vive. Nesse sentido, percebemos neste pensador uma contribuição fundamental para os indivíduos pensarem a própria vida e a vida social onde está inserido.

Dessa forma, dialogamos com outros comentadores do teórico e com o próprio Fromm, buscando compreender a aplicação de uma Ética Humanista para a melhora do convívio em sociedade, sendo, por esse motivo, essa pesquisa, de cunho bibliográfico. Com isso, ao aplicar a Ética Humanista à educação, buscamos dar ao homem um sentido a sua existência para que com isso possa viver melhor e mais integrado a todos que o cercam. O

homem precisa de um sentido para sua vida, e através do amor, procuramos demonstrar que é possível ser feliz.

1. A Ética Humanista de Fromm

Nós nos conhecemos, e contudo, mesmo apesar de todos os esforços, não nos conhecemos. Conhecemos nosso semelhante, e contudo não o conhecemos, porque não somos uma coisa, nem o nosso semelhante é uma coisa. Quanto mais penetramos nas profundezas de nosso ser, ou do ser de outrem, tanto mais nos escapa o alvo do conhecimento.

ERICH FROMM

1.1 O Problema Existencial

A evolução mostra que o homem foi se distanciando de seus instintos puramente animais e tomando consciência de si mesmo através da razão e da imaginação. Dessa forma, ao mesmo tempo que é natureza, o homem tem consciência de sua impossibilidade em muda-la. Percebe então “as limitações de sua existência”. Sua razão lhe ajuda a “lembrar o passado” e “visualizar o futuro”, lhe auxiliando na compreensão do mundo. É esse distanciamento de fatores inerentemente biológicos que lhe faz ser único, que lhe faz ser humano (FROMM, 1972, p. 43).

Com isso, o homem vive em constante desequilíbrio, pois sua razão lhe dá a convicção de ter de resolver o problema existencial. Ele precisa disso para desenvolver cada vez mais sua razão e a si mesmo. É uma dicotomia, pois temos a razão para poder melhorar a própria razão. Se não a tivéssemos não seríamos humanos, mas tampouco teríamos consciência de nosso problema. Dádiva e infortúnio. Temos consciência de nossa vida e queremos viver, mas sabemos que morreremos e nada podemos fazer para evitar. A vida é curta para tudo que precisamos, mas o pouco tempo que temos é deveras mal aproveitado. Precisamos aprender a viver e a viver feliz.

Se ele enfrentar a verdade sem pânico, reconhecerá que não há outro significado para a vida senão o que o homem dá à própria vida pela expansão de suas forças, vivendo produtivamente, e que só constante vigília, atividade e empenho podem evitar que falhemos na única missão que importa – o desenvolvimento total de nossas forças, dentro das limitações impostas pelas leis de nossa existência. FROMM, 1972, p.47

Percebemos uma crise humana. O ser humano está em crise identitária. O homem não se conhece e isso traz problemas a sua existência, ao convívio em sociedade e principalmente a sua compreensão das dicotomias da vida: bom, ruim, verdade, mentira, sim, não. O discernimento para tomar atitudes frente a diversas questões atravessa pelo desconhecido se o homem não sabe quem é e o motivo pelo qual vive. Esse autoconhecimento

não só faz o homem compreender e direcionar suas ações frente a vida, mas também perceber o seu passado, quem era e o que se tornou. A compreensão de sua existência é assim, o caminho que o conduz a felicidade, bastando a si para entender e respeitar o outro. Dessa forma, o homem não só se entende como ser individual, mas como ser coletivo que faz parte de um todo e de uma parte ao mesmo tempo.

Por isso, o pensamento ético humanista defende o conhecimento da natureza do homem, ou seja, conhecendo a si mesmo, o homem terá consciência dessa dicotomia, podendo decidir de forma objetiva e racional que caminho seguir. A razão torna-se essencial para que a subjetividade nas preferências humanas não seja o norte das definições de normas éticas. Assim sendo, o homem é capaz de julgar valores não de forma relativa, mas baseado em uma ética válida. Para isso, Fromm (1972) garante que a Psicanálise precisa ser associada a Filosofia e a Ética:

a personalidade humana não poderia ser entendida se não encarássemos o homem em sua totalidade, o que abrange sua necessidade de encontrar uma resposta para a questão do significado de sua existência e de descobrir normas segundo as quais deva viver. P.16

A Ética Humanista para Fromm se apoia em valores supremos que são o “amor-próprio” e a “afirmação de seu eu verdadeiramente humano”. Para o psicanalista, o homem moderno encontra-se insatisfeito porque não vê resultado nos seus esforços e conseqüente não produz o quanto necessita. É preciso nos debruçarmos de modo a conhecer o homem nessa totalidade físico-espiritual, e com isso compreendermos sua natureza e conflitos morais e de valores. Dessa forma, amar-se nada tem a ver com egoísmo ou renúncia, mas com compreender-se e respeitar-se, se percebendo como *ser humano* e na convivência com outros homens. Da mesma forma, se afirmar como humano não significa uma negação do indivíduo, mas pelo contrário, pois a aceitação dessa condição faz o homem assimilar o coletivo do qual faz parte.

Com isso, a busca do homem por felicidade, pela razão da sua existência, tem como solução o Amor. É no Amor que o homem encontra uma forma de unir-se ao mundo exterior, à natureza, aos outros homens, dando sentido a sua existência e buscando conscientemente apaziguar a solidão e a separação. O autor relata que ao nascer, o homem passa de uma situação definida para uma indefinida e que a razão que possui lhe deixa exposto e ansioso perante o que sabe:

O homem é dotado de razão; é *a vida consciente de si mesma*; tem, consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de seu futuro. Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade própria e de morrer antes daqueles que ama, ou estes antes dele, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com eles, com o mundo exterior. FROMM, 1958, p.28

Dessa forma, o homem busca ser livre dessa prisão que lhe é causada pela dor da solidão, da separação. Essa superação é uma necessidade da existência humana, que foi buscada de diversas formas, através da religião ou da filosofia, por exemplo. Unir-se aos demais homens e ao mundo do qual faz parte é uma questão de sobrevivência e primordial para alcançar a sintonia com os outros, superando a vida individual que o oprime. Para Fromm (1958) muitos são os meios pelos quais o homem busca dar um sentido a sua existência e até mesmo o amor pode ser confundido por essas formas transitórias de prazer, mas ele alerta para o fato de que “sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia” (FROMM, 1958). Um meio comum de tentativa ao alcance de fuga da separação são as soluções orgíacas, como as drogas ou as experiências sexuais.

Num estado transitório de exaltação, o mundo externo desaparece, e, com ele, o sentimento de estar dele separado. E como esses ritos são praticados em comum, acrescenta-se uma experiência de fusão com o grupo que dá a tal solução o máximo de eficiência. FROMM, 1958, p.32

Porém, uma solução como essa tem suas limitações, são “intensas, violentas, transitórias e periódicas” (FROMM, 1958), não funcionando como algo definitivo e gerando uma satisfação parcial e passageira à angústia da sensação de separação, pois passado o efeito da experiência orgíaca, aumentam seus sentimentos de solidão e acabam sendo impulsionados a remeterem cada vez com maior frequência e intensidade a tais resoluções. Essa tentativa alucinada só faz crescer mais e mais a solidão que sente porque trata-se de um recurso temporário.

Outro meio usualmente escolhido pelos homens é a conformidade. Essa possível solução nasce da necessidade humana de aceitação, de se sentir como pertencente ao coletivo e conseguinte, unir-se ao seu semelhante. Baseia-se na “conformidade com o grupo, seus costumes, práticas e crenças” (FROMM, 1958). Esse modo de superação é frequentemente

usado e sinalizado por Fromm como predominante. Assim, a salvação da solidão passa pela aceitação do grupo, fazendo desaparecer o ser individual e igualando os homens, pois suprime sentimentos ou pensamentos que me distingam dos demais. Costumes, ideias, pensamentos e vestes iguais. Dessa forma, em sua maioria, as pessoas são alienadas ao fato de precisarem desse conformismo, vivendo na ilusão de que suas ideias são realmente suas. Com isso, a conformidade é usada por diferentes sistemas, de diferentes formas:

Os sistemas ditatoriais utilizam ameaças e terror para levar a essa conformidade; os países democráticos usam a sugestão e a propaganda. Há, na verdade, uma grande diferença entre os dois sistemas. Nas democracias, o não-conformismo é possível, de fato, não está de modo algum inteiramente ausente; nos sistemas totalitários, só uns poucos e insólitos heróis e mártires podem ser considerados capazes de recusar obediência. Apesar, entretanto, de tal diferença, as sociedades democráticas mostram esmagador grau de conformismo. FROMM, 1958, p.34

Nesse sentido, o significado de igualdade também se transforma passando de “unidade” para “mesmice”. Na sociedade atual, ser igual é ter as mesmas ideias, possuir os mesmos gostos, fazer as mesmas coisas. Tem-se uma “igualdade não individualizada”, fruto de uma “padronização do homem” no processo social capitalista contemporâneo. Isso gera uma busca por diferenças que afirmem de alguma forma uma individualidade cada vez mais ausente.

Menos usual, porém não menos importante, outro meio de superação usado pelo homem seria a rotina. “Do nascimento à morte, de segunda a segunda-feira, de manhã à noite, todas as atividades são rotinizadas e pré-fabricadas” (FROMM, 1958). Assim, no trabalho, seu papel é de executor, não sendo preciso pensar, sentir ou criticar, bastando realizar as tarefas prescritas pela organização. Do mesmo modo, ocorre com o lazer, onde sua diversão já vem decidida por uma estrutura capitalista que lhe foge ao controle.

Outro meio apontado por Fromm e utilizado pelo homem, é o da *atividade criadora*. Na criação produtiva, o criador une-se à sua criação, gerando uma fusão com o mundo exterior, porém isso somente é possível quando o homem é parte de todo o processo – planejamento, produção e resultado – e não como ocorre atualmente, na qual o trabalhador é mero expectador-cumpridor.

Por tais motivos, que a orgia, o conformismo, a rotina e a obra produtiva não são respostas ao problema existencial, mas tão somente soluções passageiras. Para sentir-se completo, unido à sua natureza e feliz, Fromm aponta para a necessidade de uma “fusão com outra pessoa” através do amor amadurecido que se trata de uma união interpessoal com o outro.

Essa forma de amor preserva a individualidade e por isso, satisfaz no homem o anseio por união e apazigua a dor da separação e da solidão, pois, garante sua fusão com o coletivo sem destruir sua consciência de si mesmo.

O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois. FROMM, 1958, p.43

Esse amor amadurecido, o qual o autor se refere, é um amor ativo e não passivo. É uma atividade, no sentido que de forma ativa “consiste em dar e não em receber” (FROMM, 1958). Porém, é importante frisar que dar no sentido usado não significa sacrifícios ou privações, e sim de alegrar-se na vitalidade e potência do ato. Dar no sentido de conceder ao outro sua alegria, sua compreensão, seu prazer, enriquecendo com esse ato a vida de quem recebe e consequente, mesmo sem esperar, recebendo algo de retorno. “O amor é uma força que produz amor” (FROMM, 1958).

1.2 Amores amadurecidos e Pseudo-amores

Sendo assim, são quatro os elementos do amor ativo, independente da forma de amor: “*cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento*” (FROMM, 1958). O cuidado se faz presente na preocupação, no zelo, no carinho pelo ser amado. Na falta desse cuidado, podemos afirmar não haver amor. “*Amor é preocupação ativa pela vida e crescimento daquilo que amamos*” (FROMM, 1958). Já a responsabilidade é a atenção que damos a necessidade, ditas ou não, do ser amado. “*A pessoa que ama responde*” (FROMM, 1958). Não é algo imposto de fora, mas algo que lhe interessa, sendo responsável por sua integridade física e desenvolvimento dos poderes puramente humanos. O respeito conota o fato da preocupação em que a pessoa seja como é – “*respeito significa a preocupação de que a outra pessoa cresça e se desenvolva como é*” (FROMM, 1958) – e não para meu próprio benefício, é baseado, contudo, na liberdade e surge do conhecimento do outro. Esse conhecimento é algo mais profundo, que chega a ser engrenhado no ser do outro e não algo superficial. É alcançado quando há uma alteridade na qual deixo de me ver para me aprofundar no outro e em suas próprias necessidades. Só é possível se o conheço. É algo que vai muito além da superfície e que só ocorre no amor:

O amor é o único meio de conhecimento que, no ato da união, responde à minha pergunta. No ato de amar, de dar-me, no ato de penetrar a outra pessoa, encontro-me, descubro-me, descubro-nos a ambos, descubro o homem. FROMM, 1958, p.54

Com isso, voltamos ao fato de que o problema existencial humano é gerado pelo seu auto desconhecimento. É preciso que o homem se conheça, pois, essa é a única forma de alcançar êxito de união com sua própria natureza e único meio de chegar a plena felicidade e paz. Porém, conhecer de forma integral não é o mesmo que conhecer fragmentado, é preciso ousadia, é preciso objetividade.

De qualquer maneira, percebemos que os elementos do amor ativo são relacionais. Um depende do outro e não há maneira de se ter um e não outro. O cuidado também me induz ao ato da responsabilidade, bem como “respeitar uma pessoa não é possível sem conhecê-la; cuidado e responsabilidade ficariam cegos se não fossem guiados pelo conhecimento” (FROMM, 1958). Assim sendo, aquele que transcendeu ao amor amadurecido possui todos esses elementos em si.

Ao contrário do amor amadurecido que nos faz plenos na superação da separação e da solidão, temos o amor imaturo, cujo nome Fromm dá de “união simbiótica”. Essa forma de amor se apresenta pelo masoquismo, na forma passiva, na qual sou dominado pelo outro e fujo a necessidade de tomar decisões, ainda me sentindo protegido por esse “deus”, mas em contrapartida não assumindo minha independência. E na forma ativa, através da dominação do outro pelo sadismo, no uso de meu poder sobre o outro para dominá-lo e assim não me sentir só e tendo esse outro como parte de mim. “A pessoa sadista depende tanto da pessoa submissa quanto esta daquela; uma não pode viver sem a outra” (FROMM, 1958). É claro que essas formas de amor não são reais e saudáveis, mas levam a loucura e a tristeza.

Bem, com isso, o único amor que permite ao homem a fusão com seu exterior, com os outros homens, mas mantém nele sua individualidade permitindo que o homem seja ele, mas faça parte de um todo ao mesmo tempo é o amor amadurecido. Ele permite que o impedimento que o conduz a uma existência solitária seja rompido e lhe garante a sensação causada pelo pertencimento de associação aos seus semelhantes.

Porém, é preciso compreendermos, que se falamos de amor, na verdade falamos de amores. Não há somente um objeto a ser amado, tal como não há somente uma única espécie de amor. Fromm inicia seu livro, “A arte de amar” pontuando exatamente o fato do homem dar

mais importância ao objeto que a faculdade do amor, acreditando que ao encontrar o objeto certo – por assim dizer, podemos falar a pessoa certa – que automaticamente terá o amor necessário. A faculdade do amor que é o ato de amar em si, geralmente é visto como algo simples que surgirá quando tiver esse objeto certo. Engana-se quem acredita que será dessa forma. O autor traz a luz que amar é uma arte e como tal deve ser aprendida, primeiramente pelo domínio da teoria e depois por uma grande prática. Mas não será o suficiente, para que se domine essa arte, será preciso uma preocupação que a faça de extrema importância para mim. Daí o problema, o homem não nota seus fracassos e desvaloriza a importância em aprender a amar.

Apesar da profundamente enraizada avidez pelo amor, quase tudo mais é considerado mais importante do que o amor: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder. Quase toda nossa energia é utilizada em aprender como alcançar esses alvos e quase nenhuma é dedicada a aprender a arte de amar. FROMM, 1958, pp.24-25

Além do engano em relação a importância dada ao objeto ao invés da faculdade, há o pensamento em torno de “ser amado”. Muitas pessoas buscam iminentemente por isso, pois não compreenderam que ao amar sem interesse, o “ser amado” será inevitável. Com isso, usam de vias para conseguirem receber esse amor, como o “sucesso”, o “poder” ou a “riqueza” no caso dos homens e, a atração, “o cuidado com o corpo” ou o “vestuário” no caso das mulheres.

O homem moderno transformou-se em um artigo; experimenta sua energia vital como um investimento com que pode alcançar o mais alto lucro, considerando sua posição e a situação do mercado de personalidade. Alienou-se de si, de seus semelhantes e da natureza. Seu objeto principal é a troca proveitosa de suas capacidades, conhecimento e de si mesmo, de seu “fardo de personalidade”, com outros que pretendam igualmente uma troca justa e proveitosa. A vida não tem meta exceto a de movimentar-se, nem princípio a não ser o da boa troca, nem satisfação que não seja a de consumir. FROMM, 1958, p.138

Outro ponto de igual importância é que no amor pode haver conflitos. Esses conflitos são descritos por Fromm (1958) como algo real, diferente dos “desacordos” em questões sem importância que são considerados pelas pessoas conflitos também. Tais conflitos geram mais união, pois os homens passam a se conhecer mutuamente ao nível mais profundo da experiência humana. “São experimentados no nível profundo da realidade interior que pertencem, não são destrutivos. Levam ao esclarecimento” (p.135).

Assim sendo, os amores, embora todos maduros, possuem diferenças entre si. Amar é relacionar-se com todos e com o mundo, Fromm diz ser uma “*orientação de caráter*”, uma “*atitude*”. Desse modo, o autor fala de cinco espécies de amor: o fraterno, o materno, o erótico, o próprio e o de Deus.

O alicerce de todos os amores é o amor fraterno. Ele trata do sentimento que alimentamos pelos outros seres humanos, independente de raça, credo ou religião. Amo outro homem pelo fato de me identificar com ele por sermos da mesma espécie, independente das diferenças visíveis ou não que possuamos. É um “amor entre iguais”, mesmo tendo o conhecimento de nossas diferenças. Esse amor só é real quando não se espera algo em troca, mas é um amor sem objetivo. Nesse amor encontramos a compaixão, a solidariedade, a inclusão.

O amor materno é o amor da mãe pelo filho. Esse amor é incondicional, pois o filho é amado, simplesmente por ser filho, pela mãe o sentir como parte de si. Ao filho se deve todo o cuidado, a proteção e a responsabilidade da mãe. Por esse motivo mesmo, que o amor materno é desigual, pois enquanto um é necessitado, desamparado, o outro é quem dá-lhe toda a ajuda de que precisa para viver. Porém, a etapa crucial desse relacionamento, é quando a mãe deve separar-se de seu filho por ocasião de seu crescimento, o autor sinaliza que muitas mães não superam essa parte do amor materno, somente aquela que possui um amor amadurecido entende nessa separação um fator de felicidade para ambos.

Justamente, porém, em vista de tal dificuldade é que a mulher somente pode ser mãe em verdade amorosa se puder amar; se for capaz de amar seu marido, outras crianças, estranhos, todos os seres humanos. A mulher que não for capaz de amar nesse sentido poderá ser mãe afetuosa enquanto o filho estiver pequeno, mas não poderá ser mãe amorosa, pois a prova disto é a boa vontade em suportar a separação – e, mesmo depois da separação, continuar amando. FROMM, 1958, p.78

O amor erótico, diz Fromm, é “talvez, a mais enganosa forma de amor que existe” (FROMM, 1958). Ele surge da necessidade existencial humana de unir-se a outro de sua espécie. É por esse motivo, diferente do fraterno e do materno, pois enquanto os outros dois são dedicados a várias pessoas, o erótico requer exclusividade, destinando-se a um único ser. Esse amor, é confundido com o “cair enamorado”, ou seja, com a experiência temporária vivida por dois desconhecidos ao se sentirem próximos e íntimos, acabando provisoriamente com a solidão que os assolava. O amor erótico é diferente. Nele a pessoa amada é conhecida tão a fundo que a cada dia se renova o amor e a fusão entre os dois. Do mesmo modo, essa união nada tem a

ver com o contato íntimo gerado pelo sexo, pelo contrário, pois muitos casais só se sentem próximos quando estão em ato sexual demonstrando que não conhecem, de verdade, a experiência causada pelo conhecimento da natureza do outro.

Se o desejo de união física não foi estimulado pelo amor, se o amor erótico também não for amor fraterno, nunca levará à união mais do que num sentido orgiaco e transitório. A atração sexual cria, no momento uma ilusão de união, mas sem amor, essa “união” deixa os estranhos tão afastados quanto antes se achavam. FROMM, 1958, p.81

É preciso compreender que o amor erótico, embora exclusivo, não é egoísta, possessivo, nem tampouco o único amor que a pessoa possui. Por isso, a afirmação de que um amor erótico também é amor fraterno, para que assim sendo, não deixe de amar no ser amado toda sua individualidade, toda a sua essência e conseguinte todos os homens do qual ele faz parte.

Já o amor próprio também nada tem de egoísmo, egocentrismo ou narcisismo. Afinal, se há amor maduro não há como esses atributos estarem presentes. Na verdade, é importante termos clareza, que é possível que amemos a outros e a nós mesmos, mutuamente, sem que seja de forma contraditória. De fato, a partir do momento que amo a todos os homens, inquestionavelmente, me amo também. O cuidado, o respeito, a responsabilidade e o conhecimento estão presentes quando me amo e conheço minha própria natureza, me conectando com o mundo exterior do qual sou/faço parte. Fromm (1958) diz:

O egoísmo e o amor próprio, longe de serem idênticos, são efetivamente opostos. A pessoa egoísta não ama a si mesma demais, mas demasiado pouco; de fato, odeia-se. (...) É verdade que as pessoas egoístas são incapazes de amar os outros, mas também não são capazes de amar a si mesmas. P.88

O amor de Deus é a “forma religiosa de amor” (FROMM, 1958). A tentativa de superação a separação e solidão causada pela crise existencial mais uma vez, na história da humanidade, arrisca uma forma de união na qual surgem as diferentes religiões. As religiões teístas veem em Deus(es) a maneira de superar essa dor pelo amor. No desenvolvimento da sociedade há a fase matriarcal e a fase patriarcal desse amor, porém, seja qual for “desnecessário é dizer que meu amor a Deus e o amor de Deus por mim não podem ser separados”, pois seja como mãe ou como pai, eu sou o filho que é amado e o amo como tais. Dessa forma, tal como

uma criança, a história da religião e conseguinte, o amor de Deus, passa para uma etapa madura em que os conceitos maternos e paternos são internalizados tornando-se pai e mãe de si mesma.

Na história da raça humana vemos – e podemos prever – o mesmo desenvolvimento: do início do amor por Deus como a ligação obediente a um Deus paternal, até ao estado amadurecido em que Deus deixa de ser uma força exterior, em que o homem incorpora a si mesmo os princípios de amor e justiça, em que se torna um com Deus, e em que pode chegar ao ponto de só falar de Deus em sentido poético e simbólico. FROMM, 1958, p. 110

Conforme falamos, Fromm (1958) defende uma formação ética humanística pela qual a relação do homem com a sociedade é de vital importância. Com isso, na sociedade capitalista, fruto de sua análise, aparecem os pseudo-amores, que são tantas outras formas da “desintegração do amor” nos dias atuais. São formas de um “amor irracional”, pois através da alienação de si e do outro em que o homem vive, ele busca uma fusão através de experiências passageiras e de relações dissolvidas, nas quais vive uma solidão, embora muitas vezes acompanhados. “O homem moderno é alienado de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza” (p.116). Dentre as muitas formas de pseudo-amor temos: o “amor neurótico”, o “*amor idólatra*” e o “*amor sentimental*”.

O amor neurótico é identificado por uma ligação infantil nas relações afetivas. Pessoas nessa situação, embora adultas, não conseguem manter uma relação saudável com outras pessoas, pois não possuem maturidade para tal. Vimos no amor materno, que a mãe possui um amor incondicional pelo filho e o protege e acolhe, pelo fato de o mesmo necessitar, depender disso para sobreviver. No amor neurótico, o adulto alimenta um amor semelhante ao que espera de sua mãe, pois não se desenvolveu emocionalmente e permanece centralizado nessa figura materna. Assim sendo, almeja por cuidado e proteção. Semelhantemente, há o amor neurótico centrado na figura paterna. Esses sujeitos não veem na figura da mulher algo importante para eles, pois não são algo central em suas vidas. E tantas outras formas poderiam ser citadas, mas o relevante é perceber que essa forma do amor não une o homem ao seu semelhante e ao seu mundo exterior, não solucionando assim sua crise existencial e lhe proporcionando felicidade.

De igual modo, os “*mecanismos de projeção*” (FROMM, 1958) mostram uma forma de amor neurótico em que se projeta no ser amado aquilo que se ignora em si mesmo. Ao invés de se conhecer e buscar uma solução para seus problemas, com isso, se desenvolvendo

na busca da superação da sua existência, esse homem projeta seus problemas no outro e tenta resolver algo que cada qual deve resolver por si só.

Já o amor idólatra é uma forma de idealizar no ser amado aquilo que não se tem pelo fato de não se conhecer. Esse amor, comumente, gera uma ilusão, pois futuramente não há uma pessoa que consiga suprir as expectativas desse homem que acaba por se decepcionar em uma busca sem fim:

Se alguém não alcançou o nível em que tenha um sentido de identidade, de seu Eu, enraizado no desdobramento produtivo de suas próprias forças, tende a “idolizar” a pessoa amada. Aliena-se de suas próprias forças e projeta-as no ente amado, que é adorado como *summum bonum*, o portador de todo amor, toda luz, toda ventura. (...) perde-se no ser amado em vez de encontrar-se. FROMM, 1958, pp.131-132

O amor sentimental é baseado na fantasia e na abstratificação. Na fantasia porque a ficção (novela, filme, revistas, canções) supre a pessoa em uma experiência amorosa ilusória, na qual ela se satisfaz com o “consumo de tais produtos”. E na abstratificação porque o momento presente é o que menos se vive. As lembranças de momentos vividos ou as expectativas do que se viverá, amorosamente falando, fazem mais sentido para esse ser humano que o agora.

O amor só é experimentado em fantasia e não nas relações concretas com outra pessoa, que é real. (...) Enquanto o amor é um sonho acordado podem ter parte nele; logo que voltam à realidade das relações entre duas pessoas reais – enregelam-se. FROMM, 1958, pp.132-133

e

Quer seja o amor experimentado substitutivamente pela participação nas experiências fictícias de outrens, quer se transfira do presente para o passado ou o futuro, essa forma abstratificada e alienada de amor serve como um ópio que alivia a dor da realidade, a solidão e a separação do indivíduo. Ibid, p.133

Com isso, os pseudo-amores não superam a dor da superação, mas funcionam como um paliativo momentâneo e passageiro.

1.3 O Amor como Arte

Porém, sendo o amor uma arte, como toda arte, deve se levar em consideração alguns pontos importantes afim de dominá-la. Segundo Fromm (1958) o primeiro é a consciência de se tratar de uma arte³. Essa aceitação conota ao ser humano uma consciência de si mesmo, do mundo que o cerca, da natureza da qual faz/é parte e principalmente, da necessidade de aprender a amar. Embora essa consciência pareça algo simples, não é, pois, muitos homens acreditam que amar é algo natural ao homem no sentido que já se nasce sabendo. Tal erro só é percebido – na verdade, na maioria das vezes não é – quando se passa uma vida toda em uma busca que termina sem se conhecer, sem amar e sem se unir ao seu semelhante, se sentindo distante de tudo e todos e extremamente solitário.

O aprendizado de toda arte, ocorre em dois momentos distintos e contínuos de domínio: o da teoria e o da prática. Além disso, o sujeito do aprendizado deve ter “extrema preocupação” com essa arte. “Nada deve existir no mundo de mais importante que essa arte”. Sobre a teoria, temos falado no decorrer desse texto, pois trata-se do “conhecimento teórico” sobre o que é o amor amadurecido, como alcançá-lo e sua diferença em relação a outros tipos de amor. Já a prática é a parte em que exercito minha teoria até alcançar a perfeição:

Só me tornarei mestre nessa arte depois de grande prática, até que os resultados de meu conhecimento teórico e os de minha prática acabe, por mesclar-se numa coisa só: em minha intuição, essência do domínio de qualquer arte. FROMM, 1958, p. 24

Qualquer seja a arte é preciso prática. Para se tornar mestre na arte de amar são necessários: *disciplina, concentração, paciência*, objetividade, *fé e atividade* (FROMM, 1958). Esses elementos devem ser introduzidos na vida do homem pelo próprio homem, que após ter consciência da solução no amor para sua crise existencial, deve praticar em seu dia a dia o desenvolvimento dessas características em si. Desse modo, o homem deixa o abismo da solidão para sentir-se unido à natureza dos outros, ao mundo exterior e à sua própria natureza.

Isso também é um problema, pois a prática desses elementos torna-se necessária não somente na arte específica, foco do aprendizado – que nesse caso é amar –, mas em toda a vida da pessoa. No caso da disciplina, por exemplo, há de ser necessário praticar a disciplina

³ Inclusive, tanto em seu livro “A arte de amar” quanto no “Análise do Homem”, Fromm diz que viver também é uma arte.

em todas as esferas da vida. Deixo então de fazer algo quando “quero” ou “posso” para inserir em minha vida uma prática de um fazer disciplinado.

A concentração e a paciência são algo escasso na sociedade moderna. A sociedade em que vivemos pede que as pessoas possuam tempos reduzidos, tudo é muito corrido, é preciso executar diversas tarefas ao mesmo tempo para que se produza mais e mais. Ter um tempo para si, esvaziar a mente, concentrar-se em uma única tarefa não é possível, do mesmo modo que a rapidez com que tudo ocorre, nos traz uma sensação ruim, um sentimento de impaciência quando nos parece ter perdido tempo com algo de menor importância para a máquina do capital. Tirar um momento para nada fazer nos parece como que algo totalmente inútil, quando na verdade não o é. Por esse motivo que a concentração e a paciência são tão difíceis de se dominar, mas são essenciais.

Para se alcançar essa disciplina, ela não deve ser vista como algo que vem de fora e é imposto a nós, ou como algo que tenhamos que nos submeter e seja angustiante. É preciso encontrar uma forma dessa rotina tornar-se prazeroso e com a prática constante, algo natural. Do mesmo modo, a concentração, embora mais difícil, deve causar a mesma sensação. “Ser capaz de concentrar-se significa ser capaz de ficar só consigo mesmo (...). Paradoxalmente, a capacidade de ficar só é a condição da capacidade de amar” (FROMM, 1958, p.146). Devo aprender então, a estar concentrado em tudo que realizo, estar atento ao outro, ao mundo, àquilo que estou fazendo, sendo o mais importante naquele momento. “Ficar concentrado significa viver plenamente no presente, agora, aqui, e não pensar na coisa seguinte a ser feita enquanto estou fazendo outra coisa nesse instante” (Ibid, p.149).

Na verdade, o que estou praticando, é aprender uma arte “indiretamente”, ou seja, aprendo um grande número de coisas que, embora não pareça, são essenciais para o domínio da arte. Para aprender a concentração é preciso que eu compreenda que não sou uma máquina. Sou um homem e como tal, preciso me ouvir, me compreender, ter atenção às minhas necessidades e pensar sobre elas. Fazer algo com essa informação, com essa sensibilidade, ser racional sobre minha condição humana.

A objetividade nos permite “ver pessoas e coisas tais como são”, nos possibilita separar entre uma imagem que formamos baseado em critérios próprios, como experiências anteriores ou mesmo receios, e uma imagem real, baseada em uma “visão objetiva do mundo exterior”. Essa objetividade me faz ver o mundo de forma racional e humilde. Razão, objetividade e humildade são necessários para se amar. “Só podemos ser objetivos se

respeitarmos as coisas que observamos; ou seja, se formos capazes de vê-las em sua singularidade e em sua interconexão” (FROMM, 1972, p. 95). Porém, a objetividade deve ocorrer com todas as pessoas e não somente com aqueles que nos são próximos. Dessa forma, é a fé que nos ajudará a superar o “narcisismo” da infância para termos uma atitude amorosa com nossos semelhantes, conhecidos ou desconhecidos.

A fé pode ser *racional* ou *irracional*. Elas são opostas entre si, pois enquanto a fé irracional deposita a confiança no outro ou “numa ideia”, se sujeitando sem questionar ou pensar, por simples obediência, a fé racional “não é primordialmente a crença em algo, mas a qualidade de certeza e firmeza que nossas convicções possuem” (FROMM, 1958). Quando Fromm fala de fé, não se refere à uma religiosidade de forma impensada ou ausente de raciocínio, pelo contrário, ele se refere a uma fé baseada na razão que nasce da “atividade produtiva intelectual e emocional”. Tal fé, se manifesta no pensamento, no julgamento, nas relações humanas e na nossa relação conosco mesmo. De forma racional, temos fé nos outros seres humanos, temos “fé em nós mesmos”, temos fé nas potencialidades dos outros, temos “fé na humanidade” como um todo. Acreditamos, e isso inclui sim, um certo risco. Por isso que amar é uma entrega sem garantia de retorno.

Amar significa entregar-se sem garantia, dar-se completamente na esperança de que nosso amor produzirá amor na pessoa amada. Amar é um ato de fé, e quem tiver mesquinha fé terá também mesquinho amor. P. 164

A atividade está relacionada com a produtividade. Para Fromm (1958) ser produtivo é essencial no amor, tal como o é em toda a vida do homem. Ser produtivo é um estado interior que significa usar plenamente e de forma geradora suas forças humanas. O amor é ativo, pois me faz estar em constante “alerta”, atento à pessoa amada e àquilo que a cerca. Com isso, ser ativo e produtivo em todas as esferas da vida é indispensável ao homem. Contrariamente, o homem improdutivo se perde, não se conhece e sofre. Ao analisar Fromm, diz Gness (2010):

Ser não produtivo significa, antes de mais nada, não confiar em suas próprias capacidades, esperar tudo de outrem, de fora, seja aguardando tudo dos outros, seja explorando o outro, seja acumulando coisas como dinheiro, ações, jóias, amigos, ou livros – em vez de gastá-lo, usá-las, exercer a relação de amizade, ou lê-los. A sensação fundamental é essa: tudo que eu posso fazer, tenho de receber de outrem. P. 53

Dessa forma, amar como arte, requer do homem uma entrega total, pois exige mais do que um estado temporário, mas um estado de existência humana, no qual, amar se faz presente em toda a vida do homem. Como solução para a crise existencial presente no homem, o amor faz o ser homem sentir-se seguro, unido aos seus semelhantes, conhecendo a si e aos outros e de forma racional, vivendo em comunhão com a natureza. Na sociedade atual, limitada por uma centralização na produção, poucos se preocupam com o amor. Tornam-se alienados a essa necessidade. Segundo Bezerra (2010, p.68):

Da mesma forma que a alienação *desumaniza* os homens, o amor alienado é a própria negação da *arte de amar*. Fundar *o amor como uma arte* exige a apreensão destes fundamentos e ao mesmo tempo a orientação *prática* da mudança.

Ao ver o homem como um ser social, Fromm escreve vários ensinamentos que não são para serem utilizados como prescrições a seguir, mas para serem pensados como uma forma do homem se aproximar de si mesmo e se sentir feliz com sua existência e vida. Ele finaliza pontuando que somente uma mudança na sociedade atual permitiria um ambiente propício ao desenvolvimento do amor no homem, partindo de um “fenômeno individualista e marginal” para um “fenômeno social” (FROMM, 1958). No próximo capítulo, pensaremos em como a Ética Humanística de Erich Fromm poderia ser aplicada na educação e se traria benefícios ao homem da sociedade atual.

2. A Ética Humanista na Educação

Faz parte da tragédia da contingência humana nunca ficar terminado o desenvolvimento do eu; ainda nas melhores condições, só chega a concretizar-se uma parte das potencialidades do homem. O homem sempre morre antes de ter nascido completamente.

ERICH FROMM

2.1 Autoridade Racional e Autoridade Irracional

Quando Fromm pensou a formação humana através da Ética Humanista pensou também a educação e em momentos específicos, até mesmo a escolarizada. Porém, ele pensava a formação do ser humano, sabendo que outros meios, para além da escola, influenciam nessa formação. Mesmo assim, Fromm fala da educação, da criança, da família e das relações necessárias na formação do homem. Não de maneira direta, podemos em muitos momentos, relacionar sua fala com práticas do cotidiano escolar, da relação professor-aluno, escola-conteúdo, ensino-aprendizagem, nos pormenores de uma educação para a vida.

Se Fromm por diversas vezes afirmou que viver é uma arte, não podemos deixar de pensar que educar também seja, e como tal deva ser aprendida, praticada e aperfeiçoada a cada dia. Educar alguém ou antes de tudo, educar-se é possível desde que estejamos abertos a pensar essa arte e praticá-la a cada dia. E por isso, diferente de pais, que aprendem somente na prática essa arte, os professores têm a oportunidade de se especializarem, antes, durante e após sua prática cotidiana na arte de ensinar. Nesse capítulo, tentarei trazer o entendimento dos ensinamentos de Fromm para o campo educacional de modo a pensar em uma Ética Humanista que forme homens mais felizes com a vida, com sua relação com a natureza e com os demais homens. Homens que se conheçam e se reconheçam.

O homem não nasce predestinado a algo desde o ventre materno. Seu destino não está traçado por forças maiores de modo que nada possa fazer para alterá-lo. Sendo assim, o que será e como viverá é fruto de suas experiências ao longo da vida, do meio cultural em que vive, mas também de seu caráter e personalidade. Sua relação com os outros seres humanos e com o seu exterior tem um papel importante nessa formação. Um ambiente saudável lhe ajudará a lidar bem com sua existência e a aprender a amar a si e a todos, alcançando a plena felicidade. Conhecer-se da maneira mais profunda e intensa tem, nesse caso, papel central para obter o prazer existencial.

Educação para Fromm (1958) é ter fé nas potencialidades da criança. Não se trata de induzir nela o que queremos, e sim de desenvolver através da criação de um ambiente saudável, de proporcionar condições para que isso ocorra.

A presença dessa fé estabelece a diferença entre a educação e a manipulação. A educação identifica-se com o auxílio à criança para que realize suas potencialidades. (A raiz da palavra educação é *e-ducere*, literalmente, levar adiante, ou fazer brotar algo que se acha potencialmente presente.) O contrário da educação é a manipulação, que se baseia na ausência da fé no crescimento das potencialidades e na convicção de que uma criança só se sairá bem se os adultos introduzirem nela o que é desejável e suprimirem o que pareça indesejável. Não há necessidade de ter fé num “robô”, porque nele também não há vida. P.161

Como podemos perceber, a Ética Humanista de Fromm, não vê a criança como uma tábula rasa a qual devemos depositar todo o conhecimento acumulado da humanidade. A crença de que o professor é detentor de todo o conhecimento e de que a criança nada sabe, nada tem de humanista. O que Fromm chama de “manipulação” é justamente o que temos visto em muitas escolas da sociedade atual. A criança não tem o direito de pensar e expor os aprendizados adquiridos em ambientes não escolarizados que já é criticada ou vista como inconveniente. Na manipulação, o professor acredita que tudo sabe e que não precisa desenvolver potencialidades na criança, pois a mesma não as possui.

Porém, ter fé nas potencialidades da criança, respeitando e acreditando em seu potencial para ir além, é algo que só será possível se o adulto, o professor, tiver também aprendido a conviver com sua existência. Conforme falamos no capítulo anterior, é preciso que esse adulto, antes de mais nada, tenha fé em si mesmo e em suas próprias potencialidades. Daí termos a necessidade de que o professor conheça a si mesmo, e principalmente, seja sensível ao conhecimento da existência humana, da natureza e de seu semelhante. E pode ser esse o principal problema do sistema educacional atualmente. Pois, se de fato, não temos professores sensíveis no conhecimento daqueles que educam e de si próprios, não temos pessoas aptas a formar pessoas mais humanas.

É de todo evidente que, a fim de ser sensível a si mesmo, tem-se de possuir uma imagem de funcionamento humano completo, saudável – e como se adquire tal experiência quando não foi ela tida na própria infância, ou mais tarde na vida? Por certo, não há resposta simples para esta pergunta; mas ela indica um dos mais críticos fatores de nosso sistema educacional. FROMM, 1958, p.152

A solução tão almejada dá-se então como a um todo. É um círculo, já que todos somos ligados uns aos outros. É preciso que a sociedade tenha adultos aptos a educar as crianças de forma humanizada. Pessoas com crise existencial e que são infelizes porque vivem de acordo com a máquina do capital, e que não superaram a dor de sua própria separação e solidão, não conseguirão educar humanos mais sensíveis justamente por não possuírem essa sensibilidade dentro de si. Professores, pais, educadores, que não se amam, não amam seu próximo, não amam o mundo do qual fazem parte, não amam a natureza; não podem despertar esse amor dentro de outra pessoa. Falar de algo que não se tem é tarefa impossível de se concluir com êxito.

Só quem tem fé em si mesmo é capaz de ser fiel aos outros, porque só assim pode estar certo de que será num tempo futuro o mesmo que é hoje e, portanto, de que agirá e sentirá como agora se espera que o faça. (...) O que importa em relação ao amor é a fé no amor que se tem, em sua capacidade de produzir amor em outros e em seu merecimento de confiança. FROMM, 1958, p.160

Contudo, amar a si mesmo durante muito tempo tem sido visto como um egoísmo. O amor próprio, pelo contrário, é condição essencial para que se ame aos outros e desperte em todos esse amor próprio e o amor ao próximo. “*Egoísmo e amor próprio, longe de serem idênticos, são de fato opostos. A pessoa egoísta não ama a si mesma demasiadamente, mas muito pouco; com efeito, ela se detesta*” (FROMM, 1972). Com isso, o amor produtivo, tem como condição primordial amar a si próprio, não sendo possível que eu diga que amo meus alunos sem que eu me ame também. Sendo assim, o amor próprio entendido como egoísmo nada mais é que um erro de interpretação da cultura moderna. É preciso despertar em professores esse amor por si para que dessa forma possam despertar nas crianças o amor por si e pelo seu semelhante, gerando com isso uma humanidade mais feliz. Fromm (1972) nos alerta que essa ideia errada é difundida nos meios sociais, tal como na escola, e que devemos combatê-la:

A doutrina de que o egoísmo é o mal supremo e de que amar a si mesmo exclui amar os outros não se restringe de maneira alguma apenas à Teologia e à Filosofia, tendo-se tornado uma das ideias correntes proclamadas no lar, na escola, no cinema e nos livros; com efeito, em todos os meios de sugestão social. P.113

Dessa forma, o ser egoísta torna-se uma “das mais poderosas ferramentas ideológicas” usada como contrário a “espontaneidade” (FROMM, 1972). Assim sendo, o

sujeito perde sua personalidade, pois todas as suas atitudes individuais são vistas como “interesseiras”, caso não seja para algo externo a ele. Novamente, reforço o fato de que não posso dar ou produzir amor, se não o tenho.

Um dos pontos cruciais do pensamento frommiano que podemos associar a educação escolar diz respeito às características próprias de sua concepção de Ética Humanista: seu entendimento de autoridade racional *versus* autoridade irracional, bem como subjetividade *versus* objetividade e sua explicação de caráter, temperamento e personalidade. São essas ideias que pensaremos a luz do campo educacional a seguir.

Muitas são as concepções pedagógicas que acreditam na figura do professor como primordial para que ocorra o aprendizado. Nessas concepções, o conhecimento é centralizado no professor e, por conseguinte, partem do pressuposto que o aluno nada sabe. Do mesmo modo, é a escola e o Estado, quem definem o que se deve ensinar, selecionando o conteúdo a ser dado conforme o grau de importância para aquela sociedade ou mais especificamente, para os interesses próprios de um grupo social em especial. Dessa forma, os conteúdos são definidos, não segundo o interesse de cada sujeito em individual, mas a atender um objetivo pré-definido de acordo com a importância para uns poucos. Assim sendo, mesmo que eu nunca use determinado conhecimento, precisarei aprendê-lo porque “todos” deverão aprender “aquilo”, sem nenhum respeito a individualidade do sujeito. Nessa sociedade “os valores humanos tornaram-se determinados por valores econômicos. O que é bom para as máquinas deve ser bom para os homens – assim diz a lógica” (FROMM, 1958, p.144).

Com isso, a escola torna-se uma máquina do sistema na padronização do homem. Tratam todos como iguais, possuindo e incentivando os mesmos gostos, ideias e crenças. “O indivíduo é introduzido no padrão conformista com a idade de três ou quatro anos e daí por diante nunca perde o contato com o rebanho” (FROMM, 1958, p.38). Conformam-se e acostumam-se a viver assim, acreditando com isso que são felizes, quando na verdade, sentem um vazio interior, causado pela dor da separação e pela forma improdutiva que vivem. Alienam-se de tal maneira que perdem a consciência de si próprio. Não se conhecem, não se percebem.

Na maioria, o povo nem sequer tem consciência de sua necessidade de conformar-se. Vive sob a ilusão de seguir suas próprias ideias e inclinações, de ser individualista, de ter chegado a suas opiniões como resultado de seus próprios pensamentos – apenas acontecendo que suas ideias são as mesmas da maioria. FROMM, 1958, p. 35

Produzir conhecimento é importante, mas devemos ter cuidado com aquilo que ensinamos. Ensinar não parte somente de uma aula expositiva, ensinamos principalmente com nossas atitudes e exemplos. O professor amadurecido e amoroso consegue ensinar não somente conhecimento, mas “transmitir certas atitudes humanas” que desenvolve o aluno como ser humano (FROMM, 1958, p.154).

Antes de mais nada, a escola humanista deve se basear na autoridade racional e não irracional. Ter autoridade no campo educacional é importante, mas essa autoridade deve ser baseada na razão e não no temor. “Poder de um lado e medo do outro, são sempre os esteios que se apoiam a autoridade irracional” (FROMM, 1972). Muitos criticam o uso da autoridade porque presenciaram em sua vida escolar uma autoridade irracional, sustentada no temor, na qual a opinião do aluno de nada valia, pois não era tratado como um ser pensante e crítico.

Uma educação humanizada tem na figura do professor uma autoridade racional. Nesse caso, há o respeito entre ambos e partindo do professor para com seu aluno, mas também deve haver o respeito com o conhecimento a ser dividido, para com o processo de ensino e para com o processo educacional. Diz Fromm (1958, p.51):

Respeito não é medo e temor; denota, de acordo com a raiz da palavra (*respicere* = olhar para), a capacidade de ver uma pessoa tal como é, ter conhecimento de sua individualidade singular.

Ter uma autoridade racional é uma grande responsabilidade para com muitas pessoas que verão nesse sujeito um exemplo a seguir. A pessoa é imbuída de uma confiança na sua capacidade de exercer determinada tarefa que lhe foi designada. Ao contrário da autoridade irracional que é fruto de uma desigualdade, alimenta-se do medo e baseia-se na diferença, a autoridade racional “baseia-se na igualdade da autoridade e do subordinado, que só se diferem quanto ao grau de conhecimento ou habilidade em determinado setor” (FROMM, 1972, p.19). Por assim ser, professor e aluno, respeitam o processo pelo qual passam até o conhecimento, reconhecendo somente que o professor, pelo seu tempo de relação com o aprendizado, possui grau de conhecimento diferente do aluno.

O professor que tem como base de seu ensino, a ética autoritária, ou conseguinte, o autoritarismo, usa do horror para que seja ouvido porque na verdade teme que seus alunos sejam críticos o suficiente para contestar o que transmite. Esse professor, no fundo, está perdido na sua prática, uma vez que precisa de subterfúgios para impor um “respeito” que nunca terá dessa

forma. Outro ponto da ética autoritária é negar “a capacidade do homem para saber o que é bom ou mau”, a autoridade “promulga as leis e normas de conduta”, e as regras acabam sempre sendo algo externo ao sujeito e não partindo dele e de sua capacidade em questionar. É claro, que ela não vê as potencialidades dos alunos, já que tudo lhe é dado pronto, pois assim acredita-se que será “melhor”. A definição do “bom ou mau” para todos, parte “principalmente em função dos interesses da autoridade” e não daqueles que o usarão de fato. Esses seriam, segundo Fromm (1972) os aspectos *formal* e *material* da ética autoritária.

Os aspectos da ética autoritária são relacionais e “inseparáveis”. Eles são definidos durante a infância, ou seja, durante o período em que a criança passa grande parte de sua vida na escola. Nesse momento, é fixado na vida do sujeito a diferenciação entre bem e mal que lhe acompanhará durante toda a vida. Isso ocorre, segundo Fromm (1958) primeiro em relação as questões fisiológicas e depois sobre as comportamentais. Porém, mesmo antes de aprender a raciocinar sobre; a criança já saberá distinguir entre o bom e o mau. Para esse aprendizado, a criança observará os adultos próximos e importantes para ela, como os pais e o professor. Atitudes de aprovação ou reprovação a determinadas posturas da criança serão internalizadas como bom ou mau, mesmo que não sejam ditos diretamente. A leitura da criança será que “bom é aquilo pelo qual a gente é elogiada” enquanto “mau o que faz com que nos olhem de cara amarrada ou nos punam as autoridades sociais ou a maioria dos semelhantes” (FROMM, 1972, p.20). Justamente por isso, é importante que o professor crie um ambiente acolhedor na escola, e que meça suas palavras e atitudes para com o aluno.

É importante termos em mente, também, que há a necessidade do sentido de bom e mau serem reavaliados, pois muitas vezes, o professor, avalia uma postura como mau, causando um desconforto no aluno ao repreendê-lo severamente, enquanto um professor humanista tentaria compreender tal atitude e ajudar aquele aluno. Por vezes, cremos ser uma mau atitude por não termos humildade o suficiente para ver na figura do aluno, um sujeito com suas especificidades, tentando enquadrá-lo em um perfil de pessoa pré-definido como “bom” em nossa cabeça.

Diz-se que *um objeto é bom quando é bom para a pessoa que o usa*. Com relação ao homem, pode-se aplicar o mesmo critério de valor. (...) O professor pode dizer que um aluno é bom se este é obediente, não cria casos e lhe faz honra; de forma bastante análoga pode-se dizer que uma criança é boa quando é dócil e obediente. A criança “boa” talvez seja medrosa e insegura, só querendo agradar aos pais submetendo-se à sua vontade, ao passo que a criança “má” talvez tenha vontade própria e interesses perfeitamente legítimos, mas que não agradem aos pais. FROMM, 1972, p.21

Muitas vezes nos deparamos na escola com situações que retratam bem isso. Não é por serem crianças, que seu temperamento, sua convivência familiar ou sua personalidade que está se formando, não vão influenciar nas decisões que tomarão. Pelo contrário, trabalhar com crianças nos proporciona conhecer cada vez mais da essência do homem em formação, pois ao mesmo tempo que possuem a pureza dos primeiros anos, já trazem do mundo em que vivem uma bagagem de conhecimentos.

É assim que ocorre em muitas escolas. Não damos oportunidade do aluno ser ele, ajudando-o somente a desenvolver uma relação saudável com o seu eu e com o mundo em que vive e do qual faz parte. Acabamos por fazer o oposto, muitas vezes, quando tentamos modificá-lo pela força, oprimindo sua criatividade e deixando-o com medo de ter autonomia. Por vezes, essa atitude do professor é o indício de que o mesmo não leva uma vida produtiva, pois antes de ajudar aos outros, preciso me ajudar a vencer minha própria crise existencial.

As escolas, ainda hoje, impõem uma autoridade por temerem uma “rebelião”. A obediência acaba sendo vista como a máxima virtude do homem, quando só mostra o medo e a opressão que causam no sujeito. Respeitar não é temer. Obedecer nem sempre denota respeito. As pessoas não são iguais para serem “moldadas” a agirem da mesma forma.

Obediência subentende reconhecimento da superioridade; seu direito de comandar, recompensar e punir de acordo com seus próprios decretos. A autoridade exige submissão não apenas pelo temor a seu poder, mas igualmente pela convicção de sua superioridade e direitos morais. O respeito devido à autoridade traz em si o tabu contra qualquer contestação. A autoridade pode dignar-se e dar explicações de suas ordens ou proibições, recompensas ou punições, ou pode abster-se de fazê-lo; nunca, porém, o indivíduo tem o direito de discutir ou criticar. Se parece haver quaisquer razões para criticar a autoridade, é o subordinado que deve estar em falta, e o mero fato desse indivíduo atrever-se a criticar prova, *ipso facto*, que ele é culpado. FROMM, 1972, pp.130-131

Com isso, a autoridade racional, não deve temer o desrespeito, a desordem e a desobediência de seus subordinados, mas deve estimular atitudes morais individuais, fazendo com que seus alunos, no caso do professor, através de exemplos e um ambiente humanista de educação, possam chegar a um consenso sobre o “certo” e o “errado”. Para isso, é preciso incentivar “o julgamento e a crítica racionais”.

Para que o professor tenha atitudes amorosas em sua prática, ele precisa ter desenvolvido atitudes objetivas e emocionais racionais. Somente assim, não se sentirá

“ameaçado” com a participação de um aluno que discorde com algo que diga, mas verá como algo de bom, visto que é justamente tais atitudes que mostram que o aluno pensa sobre o que lhe é dito. Para desenvolver tais atitudes é preciso que o professor confie em si mesmo e procure desenvolver em sua vida a razão e a humildade. Para isso Fromm (1958, p.156) sugere:

A faculdade de pensar objetivamente é a razão; a atitude emocional por trás da razão é humildade. Ser objetivo, usar a razão, só é possível quando se consegue uma atitude de humildade, quando se emerge dos sonhos de onisciência e onipotência que se tem quando criança.

Dessa forma, não há como uma pessoa que possui um amor maduro e atitudes racionais não ser humilde. A humildade está nessa pessoa, pois é característica do homem maduro e humanista. Suas atitudes e seu modo de lidar nas relações com seus semelhantes retratam essa humildade, fruto de uma pessoa feliz consigo, satisfeita com sua existência como ser humano. Essa humildade só não está presente na pessoa que vive o autoritarismo e vê nele uma forma de se impor e obter o “respeito” das demais pessoas através do medo. Tal pessoa acredita ser a humildade uma demonstração de fraqueza e vulnerabilidade, quando na verdade é o contrário, mostra força e confiança.

2.2 A Importância do Caráter

Fromm (1972) diz que “as normas éticas devem ser universais e aplicáveis a todos os homens”. Sendo assim, não é possível um subjetivismo excessivo e sim uma ética humanista objetiva. Se acredito que o homem é capaz de definir conceitos éticos de “bom” e “mau”, estou crendo que ele pode postular normas e valores válidos para si sem que seja algo vindo de uma autoridade exterior a ele. Nesse caso, conhecer o homem é fundamental, e o ponto de partida, para que se consiga esse juízo de valores, aceitando que o mesmo não tem uma natureza fixa e imutável, mas também não possui uma natureza de infinita maleabilidade.

O homem não é uma folha de papel em branco em que a cultura pode escrever seu texto: é uma entidade com sua carga própria de energia estruturada de determinadas formas, que, ao ajustar-se, reage de maneira específica e verificável às condições exteriores. FROMM, 1972, p.30

Por esse motivo, mesmo em situações atípicas, como no caso de escolas extremamente rigorosas, percebemos que mesmo nesses locais, surgem – uma minoria – de homens críticos e que resistiram a moldes e padrões autoritários e contrários a sua natureza. E é também por essa razão, da maleabilidade da natureza humana, que devemos considerar as especificidades de cada turma em nossa prática, tendo em mente que não somente o conjunto, mas cada aluno também é único, embora iguais em humanidade.

Conquanto compartilhe a essência das qualidades humanas com todos os membros de sua espécie, ele é sempre um indivíduo, uma entidade original, diferente de todas as demais. Ele difere em sua mistura particular de caráter, temperamento, talentos, aptidões, tal como difere em suas impressões digitais. Só pode afirmar suas potencialidades humanas concretizando sua individualidade. FROMM, 1972, p.27

Contudo, para falar de ética precisamos falar de caráter. Caráter, personalidade e temperamento não são a mesma coisa, embora muitas vezes sejam usados como sinônimos. O caráter é essencial, pois relaciona-se diretamente com as concepções éticas da pessoa. Fromm (1972) sinaliza ser comum essa confusão entre os sentidos dados a caráter e temperamento, até mesmo por teóricos, embora argumente que isso traz problemas para a ética.

Dessa forma, a personalidade do homem seria formada pela soma do temperamento – “qualidades herdadas” – com o caráter – “qualidades adquiridas”. Com isso, enquanto o temperamento diz respeito “à maneira de agir” de determinada pessoa (rápido, devagar, forte, fraco, por exemplo), sendo imutável, o caráter é formado pelas “experiências”, principalmente na “infância”, sendo modificável em determinadas situações e interferindo no “quando” determinada pessoa agirá de tal modo (no trabalho, na sua relação com outra pessoa, no seu meio familiar, por exemplo).

Pela importância do caráter, e sua característica de formação pelas experiências enquanto criança, que o papel da escola é tão importante no desenvolvimento de condutas éticas no sujeito. A educação deve servir para o desenvolvimento do caráter produtivo na pessoa. Porém, para isso, o educador deve também ter um caráter produtivo, dando daquilo que conhece e produzindo com isso um retorno. O ato de ensinar produz no educador aprendizado, dando conhecimento e recebendo conhecimento, tal como agir produtivamente na prática de educar, gera caráter produtivo nos alunos.

O mestre é ensinado por seus alunos, o ator é estimulado por sua audiência, o psicanalista é curado por seu cliente – contanto que não se tratem uns aos outros como objetos, mas se relacionem uns com os outros genuína e produtivamente. FROMM, 1958, p.48

O homem então, com sua personalidade, torna-se único, sendo diferente de qualquer outro ser humano. De qualquer forma, embora único em suas especificidades, o homem precisa se relacionar com o mundo, consigo e com os seus semelhantes. Ele não suporta viver só, o isolamento lhe causa uma dor insuportável. Com isso, em seu relacionamento, o homem, “assimila coisas” e se “socializa”. Fromm (1972) chama esses relacionamentos de “abertos”, por serem relações racionais e não instintivas. É através da aquisição ou produção que o homem assimila coisas. É através de sua relação com os demais homens que o ser humano se sente parte do outro. Porém, essa relação pode ser de diversas formas, produtivas ou não: do amor, da paixão, ferindo, irritando, etc.

Sabendo o quanto as experiências infantis são importantes na formação do caráter, um dos papéis da escola humanista é auxiliar o aluno a ter essa formação solidificada de forma madura. Assessorar para que sua assimilação com as coisas seja feita de forma produtiva. Contribuir para que sua relação com os outros homens seja uma relação fértil, rica, produtiva, boa para ambas as partes. A criança precisa desse auxílio para que desenvolva experiências úteis na formação de um caráter mais autônomo e sensível.

As funções do caráter são “permitir ao indivíduo agir coerentemente” e funcionar como “sua base de ajustamento à sociedade”. Por esse motivo sua relevância para a ética e para a formação de homens mais humanos em sua prática e em suas relações consigo, com o mundo e com os demais homens. Por isso sua importância para a sociedade. Fromm (1972) sinaliza a importância da educação nesse momento de formação do caráter.

A criança tem seu caráter modelado pelos adultos com os quais se relaciona, sendo os principais, os pais. Nisso, terá influência a estrutura social em que vive, bem como a cultura e a classe social da qual faz parte. Com isso, não queremos dizer que todas as pessoas de determinada cultura ou classe social terão o mesmo caráter, pois em sua formação influenciará experiências únicas de cada sujeito, além dos temperamentos e do ambiente individual de cada homem. O caráter do sujeito é assim formado pelas “experiências vitais, as individuais e as oriundas da cultura” (FROMM, 1972). Temos com isso, o caráter individual e o caráter social.

O fato da maior parte dos membros de uma classe social ou cultura compartilhar elementos significativos do caráter e de poder falar-se de um “caráter social”, representando a essência de uma estrutura comum à maior parte das pessoas de uma dada cultura, mostra até que grau o caráter é formado por padrões sociais e culturais. Devemos distinguir, porém, do caráter social, o individual, pelo qual uma pessoa difere de outra dentro da mesma cultura. FROMM, 1972, pp.59-60

Por esses motivos, que mesmo uma criança, possuindo os mesmos pais e convivendo diariamente juntas, e ainda, tendo estudado na mesma escola, não terão a mesma personalidade. Suas diferenças como pessoa, a farão terem percepções diferentes em sua relação com o mundo, entendendo de uma forma particular cada experiência vivida. Porém, o que precisamos ter em mente, é que o caráter, diferente do temperamento, é mutável, na maioria das vezes. Sendo assim, a infância é o momento mais importante na sua formação, mas não o único.

Fromm (1972) nos chama a atenção haverem dois tipos de caráter: as *orientações improdutivas* e as *orientações produtivas*. Porém, o homem não é formado, conseguinte, por somente uma das orientações e sim, pela mistura de ambas. A diferença será naquela que domina o seu caráter. Daí voltarmos a questão da produtividade para o homem. São duas as formas de produtividade: a produtividade inerente a todo animal, a natural, e a produtividade específica do homem pela necessidade do uso da razão e da imaginação, a produção material. No caso da primeira, ela nasce da necessidade de procriar, de continuidade da espécie, a produção natural é a capacidade de produzir vida através da “união do espermatozoide e do ovo”.

O que nos interessa, nesse momento, é a segunda: a produção material. Note que ela nasce de duas características propriamente humanas: a razão e a imaginação. Desde o início do texto, temos focado na razão, agora iremos falar da imaginação. Através da imaginação o homem transforma o seu mundo e produz coisas. O homem possui potencialidades que nascem com ele, mas é através do uso da razão e da imaginação que ele modifica o mundo. É com a imaginação que o homem cria. Porém, muitas escolas, negam a importância da imaginação e da criação ao homem. Tais escolas, educam as crianças tolhendo delas algo crucial para que desenvolvam suas potencialidades ao máximo, deixando-as alienadas e solitárias, já que dessa forma nunca produziram o necessário para se conhecerem e se relacionarem com o mundo e seus semelhantes.

O incentivo a criação e a imaginação também é papel de uma escola humanizada. Usando sua razão como um guia à sua imaginação, a criança poderá transformar o seu mundo e se relacionar produtivamente com ele. Porém, muitas vezes, o professor não permite uma

criação real à criança. É o professor que cria e deixa à criança a simples tarefa de executor, impedindo a ela o uso da imaginação e da razão.

Em todos os tipos de obra criadora o trabalhador e seu objeto tornam-se um, o homem se une ao mundo no processo de criação. Isto, porém, só permanece verdadeiro para o trabalho produtivo, para a obra que eu planejo, produzo e em que vejo o resultado de meu trabalho. FROMM, 1958, p.39

Todo ser humano é capaz de ser produtivo. Mesmo assim, nem toda criação do homem é produtiva. Muitas vezes caímos no engano de pensar que criar é sinônimo de produzir, mas ao contrário, posso criar uma linda tela, por exemplo, e não ser produtivo nesse ato. Para haver produtividade, devo lançar uso da minha razão e imaginação. Devo ser sensível, unindo-me a minha criação. “A produtividade é a realização, pelo homem, das potencialidades que o caracterizam, é o uso de seus *poderes*”.

A produtividade é uma maneira especial de relacionar-se com o mundo. Sabendo usar seus poderes, o homem produz, compreende o mundo, relaciona-se com outros homens. Usando seu poder inadequadamente, o homem atrofia, desejando dominar os outros homens através desse poder. É o que ocorre com a educação. Se o professor usa seu poder para relacionar-se produtivamente com seus alunos e com o conhecimento, ele é potente, ele cria e transforma sua prática. Mas, se o professor usa o poder para dominar seus alunos, aí encontramos o autoritarismo, o uso do medo, da força, da persuasão, será uma relação “pervertida”. “A dominação está conjugada com a morte, a potência com a vida”.

A relação produtiva do homem com o mundo ocorre de duas formas, segundo Fromm (1972): *reprodutivamente* e *generativamente*. Reprodutivamente porque o homem percebe a realidade tal como é em sua cultura e generativamente porque o homem pode usar seus poderes para modificar essa realidade. Todavia, a pessoa saudável consegue relacionar-se das duas formas, pois quando isso não ocorre, sendo somente uma das formas presente, não haverá a produtividade que “surge desta interação”.

Contudo, ser produtivo requer a necessidade de estar bem consigo mesmo antes de mais nada. Atualmente, o homem tem dificuldade de viver o ócio, visto como algo “ruim”, como “preguiça”, em uma sociedade baseada na “produção”. Surge então, a “atividade excessiva”, que nada tem da produtividade. A pessoa não consegue, pois não aprende, a

importância que é ter momentos a sós consigo, se sentindo e se ouvindo, tanto quanto é importante ter momentos que crie e produza de forma madura.

A atividade produtiva caracteriza-se pela alternância rítmica entre atividades e repouso. Trabalho, amor e pensamento produtivos só são possíveis se a pessoa pode ficar, quando necessário, quieta e a sós consigo mesma. Ser capaz de escutar a si mesmo é uma condição prévia para a capacidade de escutar os outros; ficar à vontade consigo mesmo é a condição indispensável para poder relacionar-se com os outros. FROMM, 1972, p.97

As orientações improdutivas possuem aspectos negativos e positivos. A predominância no caráter de um ou outro dependerá do tipo dominante de caráter na pessoa. Se for de orientações produtivas, a orientação improdutiva presente será de aspecto positivo. Se no caráter da pessoa for dominante a forma improdutiva, a mesma terá aspecto negativo. Além do mais, Fromm (1972) divide as formas improdutivas de caráter em *receptiva*, *exploradora*, *acumuladora e mercantil*.

A receptiva é aquela em que a pessoa espera que tudo venha de algo externo a ela como em forma de uma “dádiva”. Com isso, em seu aspecto negativo, são totalmente dependentes das outras pessoas e não negam o que quer que sejam ao outro, não criticam, têm preguiça de pensar e não são críticos. Tais pessoas não se esforçam para obter as coisas e precisam de auxílio para tudo. Porém, se desenvolvem os aspectos positivos são passivas, modestas, sensíveis, otimistas, fascinantes.

Na exploradora, as pessoas também esperam que tudo venha de algo de fora, mas com a diferença de poder obtê-la pela esperteza ou pela coerção. No aspecto negativo, não produzem mesmo que capazes, pois seu caráter vê no que é dos outros algo sempre superior ao que tem, mesmo que racionalmente não seja assim. Ideias, produção, dinheiro, amor, em todas as atividades o que não lhe pertence é o que deseja ter. Já no aspecto positivo, a exploradora será ativa, cativante, confiante em si, capaz de tomar iniciativa.

A pessoa de orientação acumuladora acredita que nada pode obter do mundo exterior e por isso, acumula o que tem. No aspecto negativo, a pessoa é avarenta, desconfiada e alheada, vê a intimidade como ameaçadora. No aspecto positivo, a pessoa é prática, paciente, cuidadosa, econômica e reservada. Já a orientação mercantil é fruto da sociedade moderna e capitalista. Com as leis de oferta e procura, a produção é direcionada a um mercado no qual tudo vira artigo possível de se vender. No aspecto negativo, características como baixa estima

e insegurança são encontradas nesse homem. Assim sendo, Fromm (1972) fala de um “mercado de personalidade” no qual o homem tem seu caráter moldado a competir por uma posição de sucesso nesse mercado. O homem vende-se e para isso deve impressionar o público em um mundo competitivo que vence o que mais deslumbra os “consumidores” do “artigo”.

O destaque dado ao valor de troca antes que a valor de uso, levou a uma concepção semelhante de valor aplicável às pessoas e particularmente à própria pessoa de cada um. A orientação do caráter, que tem suas raízes na impressão de que se é também “mercadoria” e do valor pessoal de cada um como um valor de troca, cognominarei orientação mercantil. P. 66

Com isso, nesse mercado, a personalidade que terá maior ou menor valor dependerá também do ramo de trabalho. Dessa forma, a educação acaba funcionando como um meio de estimular a valorização de determinado conhecimento em detrimento de outros, nesse mercado. Muitas vezes, quando a escola valoriza, por exemplo, o ensino de exatas, em contrapartida, desvalorizando disciplinas da área de humanas, ela está fazendo essa separação baseada em um mercado de personalidades que dita o necessário para que essa criança, como futuro trabalhador, tenha maiores “oportunidades de obter sucesso”.

Como a bolsa, a gente tem de estar “na moda” no mercado da personalidade, para o que se precisa saber qual o tipo de personalidade que está sendo mais procurado. Esse conhecimento é transmitido de forma geral através do processo educacional, desde o jardim de infância, até a universidade, e complementado pela família. FROMM, 1972, p. 68

Dessa forma, a educação falta com o respeito ao eu do sujeito, uma vez que cada pessoa sendo única, são únicas também em seus interesses. Com isso, a relação do homem com o conhecimento passa a ser de acumular aquilo que lhe será útil para vender no mercado, desvalorizando conhecimentos que lhe são prazerosos e lhe ajudam a lidar com sua crise existencial. O homem aliena-se em um mercado que o valor é não ser quem, de fato, se é. Os alunos não precisam pensar ou raciocinar sobre nada, somente “receber” aquilo que lhe é dado porque lhe será “útil”. Nesse mercado, tudo é mercadoria. “O próprio conhecimento torna-se mercadoria”.

Desde a escola primária até os níveis superiores, o objetivo da aprendizagem é reunir o máximo possível de informações que sejam sobretudo úteis para as finalidades do mercado. Os alunos têm de aprender tantas coisas que mal lhes restam tempo e energia

para *pensar*. O principal incentivo para querer mais e melhor educação não é o interesse pelos assuntos e *insight* assim adquiridos, e sim o maior valor de troca assegurados pelos conhecimentos. FROMM, 1972, p.72

Como aspectos positivos, pessoas com a orientação mercantil tem no caráter características como: ser decidido, sociável, inteligente, curioso e eficiente. Conforme falamos, cada pessoa é única e possui variações nessa mistura entre orientações produtivas e improdutivas. Para a educação, o importante é desenvolver características dominantes da forma produtiva no caráter da criança. Sabendo, porém, que além do caráter, haverá também o temperamento na configuração do eu da pessoa, e que, justamente por esse motivo, são diversas as personalidades possíveis⁴.

2.3 A Consciência Humanista

Porém, tendo em vista que a Ética Humanista defende que o próprio homem deva decidir o que é bom ou ruim para si e conseguinte, partindo desse pressuposto para que o homem tenha que escolher como agir em cada situação, é necessário que o mesmo tenha um recurso que lhe guie nesses momentos individuais. Esse recurso é o uso de sua consciência. É a consciência que orienta o homem a ter condutas éticas. “Se não existisse a consciência, a raça humana há muito tempo teria ficado atolada em seu atribulado caminho”. Ela nos indica como viver de forma produtiva, mas não nos força a fazê-lo. A consciência é o eu do próprio homem lhe falando e é preciso estar atento para ouvir. Daí as dificuldades: ouvir e atender.

Já tratamos anteriormente a necessidade de se ouvir, de ouvir os outros, de se perceber e se conhecer. É preciso que o homem estimule momentos a sós consigo mesmo. A escola pode e deve desenvolver essa característica em seus alunos, mas para isso é preciso que se tenha um ambiente acolhedor em que os professores ouçam seus alunos, ouçam uns aos outros e se ouçam. Mas esse ouvir deve ser de forma refletida, atenta, respeitosa e não um ouvir sem importância.

Ficar concentrado em relação aos outros significa, antes de tudo, ser capaz de ouvir. Muitas pessoas ouvem as outras, e até dão conselhos, sem ouvir realmente. Não levam

⁴ Em anexo segue a lista feita por Fromm (1972, pp.103-104) das orientações improdutivas com seus aspectos negativos e positivos correspondentes.

a sério o que a outra pessoa fala, nem também levam a sério suas próprias respostas. FROMM, 1972, p.149

O ouvir atento denota respeito. Ao ouvir atentamente eu demonstro que valorizo aquela informação e incentivo o falar, bem como obtenho daquela pessoa o mesmo respeito para me ouvir também. Porém, antes de conseguir ouvir os demais homens, preciso treinar um ouvir atento a minha própria consciência. É a ausência desse ouvir que torna o atender um problema na maioria das vezes. Se não ouço, não atendo, se não atendo, não tenho condutas éticas. Além do mais, atender é uma opção, pois mesmo àqueles que ouvem podem escolher não atender.

A *consciência humanista* é justamente essa voz interior que temos como guia para nossas condutas. Ela nos fala de forma indireta e muitas vezes a ignoramos. Ela nos convida a viver uma vida produtiva, bastando que nos deixemos levar por essa voz interior. Contudo, contrária a consciência humanista, temos a *consciência autoritária*. A consciência autoritária “é a voz de uma autoridade externa que foi interiorizada” pelo homem. Nesse caso, o homem tem determinadas atitudes, não por seu próprio julgamento quanto a ser “bom” ou “ruim” e sim, pelo temor a autoridade. São duas as formas de consciência autoritária, a tranquila, na qual há convicção de agradar a autoridade, e a culpada, na qual culpa-se por desagradá-la.

Os professores devem ter muito cuidado em qual tipo de autoridade têm representado para seus alunos. É importante criar um espaço de troca, onde o aluno aprenda a ouvir sua própria consciência e a agir de forma ética, sem que isso seja algo que venha de fora dele. Criar esse ambiente é tarefa difícil, mas possível em uma escola humanista. Porém, antes de mais nada, é preciso que reavaliemos nossas práticas educacionais a cada dia, sem cessar.

Os sistemas de educação liberais e “progressistas” não modificaram essa situação tanto quanto se gostaria de imaginar. A autoridade manifesta foi substituída pela autoridade anônima, ordens claras por fórmulas “cientificamente” estabelecidas: “não faça isso” por “você não gostará de fazer isso”. Com efeito, essa autoridade anônima pode ser, em muitos aspectos, mais opressiva do que a manifesta. A criança não mais se dá conta de ser mandada (nem os pais de darem ordens) e não pode reagir para desenvolver, assim, um sentimento de independência. FROMM, 1972, p.137

Dessa forma, mais uma vez a educação aparece como peça importante na transformação da sociedade e das pessoas. Não é pensando utopicamente, como se ela fosse a salvadora de todos os males da humanidade, mas acreditando que podemos fazer algo para

colaborar com essa mudança. Fromm, em seus escritos, nos trouxe relevante contribuição para pensar uma educação humanizada para todos, na qual podemos alcançar a felicidade plenamente humana.

La ética humanista se basa en el conocimiento de la NATURALEZA HUMANA; ella nos ha proporcionado los fundamentos de sistemas de valores, basados en la capacidad, la autonomía y en la razón del ser humano. QUINTERO-MONTILLA, 2013, p.33

Saber que nossas atitudes como professores influenciam positivamente ou não uma criança é uma responsabilidade enorme, mas se estivermos em plena realização com nossa existência, levando uma vida produtiva e dando ouvidos a nossa consciência, automaticamente caminharemos para uma educação humanizada e colaboraremos para uma sociedade melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estudar as contribuições de Fromm para a formação humana, percebemos que o homem se encontra em uma crise existencial. Ao perceber que está só e separado de seus semelhantes e da natureza, o homem sofre e precisa superar essa dor para que possa dar um sentido a sua existência. Com isso, muitas vezes encontra soluções temporárias que não resolvem seu problema, mas servem como um paliativo. Constatamos então, que um amor real e amadurecido traz ao homem a felicidade, acalmando sua vida e lhe dando prazer.

No primeiro capítulo, vimos que um amor amadurecido rompe com a solidão que apavora o homem e lhe traz uma sensação de pertencimento, o unindo com os demais homens e com o seu mundo exterior. São diversos os tipos de amores e cada qual possui características específicas e suas singularidades. Porém, sabendo que amar é uma arte, é preciso que o homem a pratique diariamente em sua vida.

No segundo capítulo, constatamos haverem dois tipos de autoridade: a racional e a irracional. A Ética Humanista apoia-se na autoridade racional, que diferente do autoritarismo incentiva no homem suas potencialidades, a igualdade, a humildade e a produtividade. Do mesmo modo, entendemos que o caráter é muito importante na educação, pois é desenvolvido, principalmente, na infância. Compreendemos, também, que através do ouvir e atender a consciência humanista, o homem consegue ter condutas éticas.

Dessa forma, nos deparamos com a necessidade de conhecer mais sobre o homem, sua natureza e a sociedade na qual vive. O homem não está dissociado do seu exterior, sendo assim, os demais homens e a cultura da qual faz parte influenciará naquilo que ele crê ser “bom” ou “ruim”, agindo diretamente na sua relação com seu eu.

Tendo em vista a sociedade em que vivemos, não é de se admirar a dificuldade que há em sermos humanizados e educarmos para a humanização. Quando as pessoas tornam-se “coisas” a serem comercializadas em um mercado cada vez mais devastador, é preciso ser capaz de agir de forma diferente para atuar contra um fenômeno que caminha para o assolamento individualizado do homem dentro de si mesmo. É como “nadar contra a maré”, não é tarefa fácil, mas necessária e possível de empreender. Sobre isso, diz Marques (2010):

O ser humano da sociedade capitalista é uma expressão da própria sociedade capitalista. Portanto, é na essência desta sociedade e no modo como está determinada a existir que, na concepção de Fromm, se encontra a resposta para se pensar o ser

humano desta sociedade. Assim, a complexidade do capitalismo, será expressa no ser humano. P.26

e

sendo o ser humano um ser social, como afirma Fromm, é eliminando a sociedade que cria as ilusões (a sociedade de classe) que se tem a possibilidade de se libertar dos grilhões que lhe aprisiona. P.30

Dessa forma, procuramos mostrar nesse estudo, a importância para o homem de se viver eticamente, e como os professores, podem colaborar para desenvolver homens mais humanos, em paz com seu eu e em conexão com a natureza e os demais homens. O homem não é separado de seu exterior, ele é parte do mundo, bem como o mundo é parte dele. Através das contribuições de Fromm sobre a Ética Humanista, podemos avaliar a pertinência de se viver plenamente, conhecendo a natureza do homem e conseguinte, de si próprio.

A escola, como um ambiente onde toda criança passará seus primeiros anos de vida, momento esse essencial para desenvolver características humanistas no sujeito, deve compreender a importância de promover um espaço acolhedor e mais humano para aqueles que ali estão. Não somente para os alunos, mas também para o professor que deve estar bem consigo mesmo. O autoritarismo não deve ter espaço, e sim, o diálogo que conduz ao crescimento do homem.

Observamos em nossa prática, que após anos em uma pedagogia autoritária, ainda é muito difícil, mesmo em escolas que se dizem construtivistas, manter o interesse do aluno sem o uso de ameaças ou opressão. Ainda nos deparamos, em muitas escolas, com crianças obedientes pelo medo e não pelo respeito. Alunos, que vivem no julgo de um professor “mandão” que acredita que uma educação no amor não funciona, mesmo que não tenha coragem de verbalizar essa convicção.

Da mesma forma, por diversas vezes, observei professores que estão na escola por estar. Professores que acreditam que sua responsabilidade como educador limita-se a sua sala de aula, e por esse motivo, não corrigem qualquer que seja a postura de alunos que não são seu ou quando não estão na escola. A sala de aula, ao meu ver, nada mais é que um pequeno espaço para essa criança que aprende com tudo que lhe cerca e não podemos nos restringir somente a ela.

Nas obras estudadas de Erich Fromm, o mesmo procurou analisar o homem de modo a compreender sua essência, partindo do amor amadurecido como uma forma de vencer

a angústia causada pela separação e solidão que o mesmo sente dentro de si. Percebemos que esse amor só é possível ao homem que compreende a si mesmo e se relaciona consigo e com os demais homens de forma produtiva. Dessa forma, o uso da razão e da imaginação tornam-se crucial ao homem e devem ser incentivados na escola.

Nesse estudo feito de duas de suas obras, pudemos refletir sobre a importância de se promover uma educação mais acolhedora e humana, baseada em um amor sem interesse, mas estruturado no amor à humanidade, a si mesmo e ao próximo. Um amor que nada quer em troca, mas que se alegra na felicidade do outro. Educar para e no amor, vai além da transmissão do conhecimento, ele necessita um entendimento aprofundado do homem e sua natureza, que ultrapassa a escolarização do professor e requer uma sintonia com seu próprio eu, sua vida.

Em sua prática diária, compreendemos também, que é possível alcançar essa sabedoria, mas que para tal, devemos repensar e reavaliar continuamente, nossas ações, atitudes e pensamentos. É um policiamento, e para além disso, é um auto educar.

Diante disso, conclui-se que a Ética Humanista defendida por Erich Fromm é de real importância para a formação de sujeitos mais humanos, e que uma escola baseada nessa ética, poderá promover uma educação para a vida em sociedade e em plena felicidade atingida ao aprender a arte de amar de forma madura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Vinícius. **Erich Fromm e a arte de amar**. Revista Espaço Acadêmico, n110, julho de 2010.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1958.

_____. **Análise do homem**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1972. 10ª Edição.

GNISS, Ralph. **Erich Fromm – Da psicanálise social à religião humanista**. Revista Espaço Acadêmico, nº110, julho de 2010.

MARQUES, E. F. **O ser humano da sociedade capitalista na concepção de Erich Fromm**. Revista Espaço Acadêmico, nº110, julho de 2010.

QUINTERO-MONTILA, M. D. P. **Erich Fromm: psicoanálisis humanista, ética y una nueva educación para el siglo XXI**. Consciencia y Diálogo, Año 4, nº4, Enero-diciembre,

ANEXO

ORIENTAÇÃO RECEPTIVA (ACEITAR)ⁱ

Aspecto Positivo	Aspecto Negativo
compreensivo	passivo, sem iniciativa
suscetível	sem opinião, sem caráter
devotado	submisso
modesto	desbriado
fascinante	parasita, adulator
adaptável	sem princípios
socialmente ajustado	servil, sem confiança própria
idealista	visionário
sensível	covarde
polido	desfibrado
otimista	sonhador
de boa fé	crédulo, simplório
terno	romântico

ORIENTAÇÃO EXPLORADORA (TOMAR)

Aspecto Positivo	Aspecto Negativo
ativo	explorador
capaz de tomar iniciativas	agressivo
capaz de fazer reivindicações	egocêntrico
brioso	presunçoso

impulsivo	irrefletido
confiante em si mesmo	arrogante
cativante	sedutor

ORIENTAÇÃO ACUMULADORA (CONSERVAR)

Aspecto Positivo	Aspecto Negativo
prático	prosaico
econômico	avarento
cuidadoso	desconfiado
reservado	frio
paciente	letárgico
cauteloso	ansioso
persistente, tenaz	teimoso
imperturbável	indolente
controlado nas dificuldades	inerte
organizado	pedante
metódico	obcecado, maníaco
leal	dominador

ORIENTAÇÃO MERCANTIL (PERMUTAR)

Aspecto Positivo	Aspecto Negativo
deliberado, decidido	oportunista
capaz de modificar-se	incoerente
jovial	infantil

“para a frente”, que pensa no futuro	desprovido de passado ou futuro
espírito aberto, liberal	vago, sem objetivo
sociável	sem princípios nem valores
experimentador	incapaz de ficar só
não-dogmático	relativista
eficiente	excessivamente ativo, agitado
curioso	indiscreto, sem tato
inteligente	intelectualista
adaptável	indiferente, que não sabe escolher
tolerante	indiferente
espirituoso	ridículo
generoso	perdulário

ⁱ Essa tabela com as orientações é uma reprodução do livro “Análise do Homem” de Erich Fromm.